

Retrato de Mãe

Don Ramon Angel Jara

Bispo de La Serena - Chile

(Escrito num álbum)



“UMA simples mulher existe que, pela imensidão de seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo; que, sendo moça, pensa como uma anciã e, sendo velha, age com as forças todas da juventude; quando ignorante, melhor que qualquer sábio desvenda os segredos da vida, e, quando sábia, assume a simplicidade das crianças; pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama, e, rica, empobrecer-se para que seu coração não sangre ferido pelos ingratos; forte, entretanto estremece ao choro de uma criancinha, e, fraca, entretanto se alteia com a bravura dos leões; viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra todas as dores se apagam, e, morta, tudo o que somos e tudo o que temos daríamos para vê-la de novo, e dela receber um aperto de seus braços, uma palavra de seus lábios. Não exijam de mim que diga o nome dessa mulher, se não quiserem que ensope de lágrimas este álbum: porque eu a vi passar no meu caminho. Quando crescerem seus filhos, leiam para eles esta página: eles lhes cobrirão de beijos a fronte; e dirão que um pobre viandante, em troca da suntuosa hospedagem recebida, aqui deixou para todos o retrato de sua própria MÃE...

TRADUÇÃO DE GUILHERME DE ALMEIDA

Minha mãe nascida a 13/VI/1870 e
seu irmão Pedro, meu tio Nhozinho;



27/IX/1877



11/III/1888



4/VIII/1884

Meu pai Luciano Pupo Nogueira, aos 22/III/1890:



Nascido em Campinas aos 28/VII/1865,

casado em Santos aos 28/VII/1888.

Dezembro de 1900

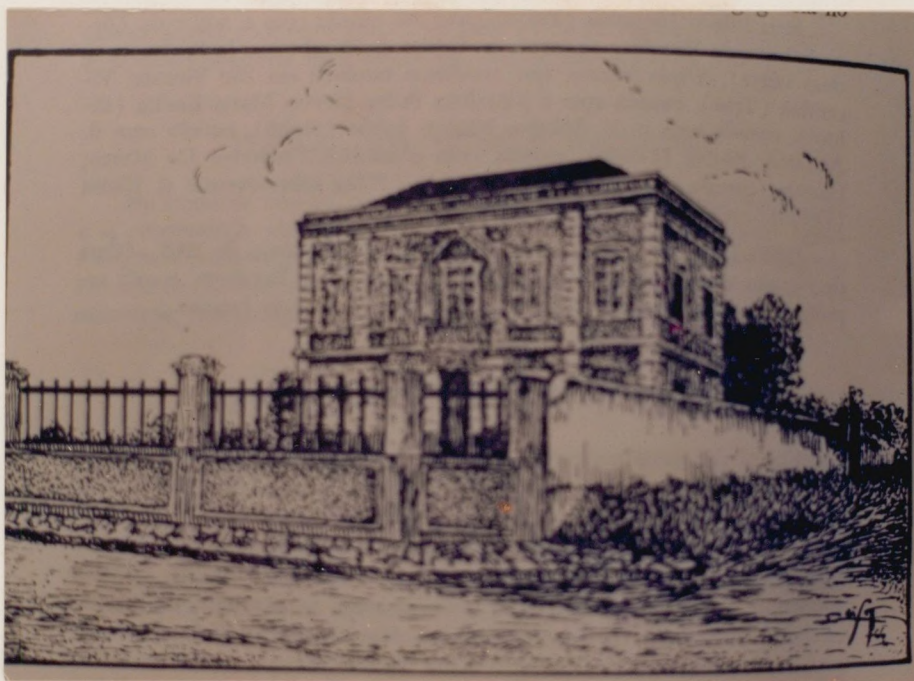


Meu irmão Cyro, nascido a 28/II/1893,
minha irmã Ruth, nascida a 19/10/1896 e
eu, nascido a 5/VIII/1899.

Eu nasci a 5 de agosto de 1899, em casa da rua Martin Afonso, esquina; meu irmão Cyro a fotografou e o arquiteto A. Bratke a reproduziu a bico de pena. Ao entregar-me a fotografia, meu irmão versejou:

"É prova certa de febre,
de forte alucinação;
nascer-se neste casebre
e pretender-se a brasão."

Após mudamos para outra casa térrea em frente ao grande sobrado onde, em seguida, passamos a residir, hoje Prefeitura Municipal de São Vicente. Teriam os meus pais sentido a minha fidalguia vocacional para se transferirem passando a residir na mais nobre casa de São Vicente?



Nossa nobre residência.

Pela janela onde estou sentado, concluo que ela só poderá ser do sobrado. Eu todo vestidinho, deveria, ao ser fotografado, estar completando meus ^{1 1/2} ~~2~~ anos de idade. Foto tirada pelo meu tio Nhozinho, irmão de minha mãe.



Março de 1902

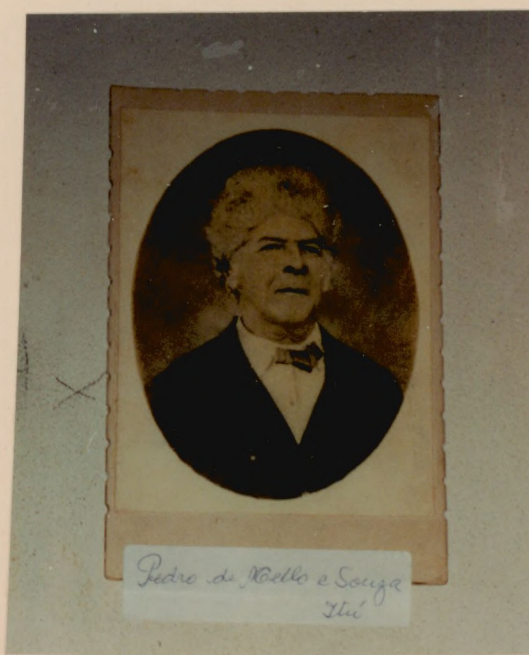


Minha mãe, Francisca de Mello Nogueira; meu pai Luciano Pupo Nogueira; minha irmã Ruth, eu e Cyro.





Meus avós maternos: José Vaz Pinto de Mello e sua esposa e prima-irmã Maria Pinto de Almeida em solteira e Pinto de Mello depois; ele nascido a 2 de fevereiro de 1836 e falecido a 17 de maio de 1919; ela nascida, digo, batizada em Indaiatuba a 8 de março de 1840, falecida a 1º de outubro de 1914.



Meu bizavô Pedro de Mello e Sousa, nascido na fazenda de Indaiatuba (Itu) a 24 de agosto de 1828 e falecido 9 de maio de 1899 em Itu

DONA LEONOR LAPA ÁLVARES LOBO

minha sogra:



Aquarela de Paulo Duval - de 1903.

SANTOS - 1904



Cyro,
Ruth e
Celso.

Campinas, 20 de maio de 1904:



Annita com onze meses.

MEU SOGRO



Dr. Paulo Álvares Lobo em 1904

SANTOS 1905

Os meu avós maternos, José Vaz Pinto de Mello e Maria Pinto de Almeida (depois de casada Maria Pinto de Mello), em sua chácara no morro de São Bento.



5 de março de 1906.



Minha cunhada Nazareth.

Duas irmãs em 1907, Nazareth e Annita:



Carnaval de 1910.



Annita, Nazareth e Paulinho.

Genebra (Suíça), 10 de março de 1911:



Adolfo Augusto do Amaral Lapa
avô materno de Anita,



2º SEMESTRE DE 1913 - Cyro que partira em 1910 para a Europa, viera passar férias em casa. Quiz retrato da família no qual se vê meu pai, Luciano Pupo Nogueira, com a filha do segundo casamento, Maria Gilda; a sua esquerda, minha madrasta D. Maria de Campos Nogueira. À direita de meu pai, estão filhos do seu primeiro casamento, Cyro e Ruth. À esquerda de minha madrasta, sua filha adotiva, Antônia, mais tarde minha tia, segunda esposa de meu tio Guilherme de Mello; diante dela, meus dois irmãos do segundo casamento de meu pai, Alceu e Perseu. A seguir, os dois enteados de meu pai, Luis e Luisa, e junto desta, minha irmã Jacy, do 2º casamento. Finalmente, eu, Celso, caçula do primeiro casamento de meu pai.



Ao amigo como umas,
ao querido Mario,
off. do Paulo
Jan. 1914



HARALDO

CAMPINAS

1915



Minha irmã Ruth com sua amiga

Titina Mascarenhas, esposa de

Dr. Francisco de Araújo Mascarenhas,

1º pediatra de Campinas.

Santos, 5 de janeiro de 1916



Minha irmã Ruth de Mello Pupo
(depois Ruth Pupo de Campos Ferreira)



Al querido Páso, ofrecio
Guth

Santos, 28-2-1917.

Campinas, 12 de abril de 1917. A FAMÍLIA DE MEU SOGRO:

Da esquerda para a direita - Leonorzinha, Paulinho, Dr. Paulo, Dona Leonor, Regina, Dona Sinhaninha (mãe de minha sogra), - Annita, Nazareth e Helena.



A família Faverzolo ao Dr. Toffoli - por amor

TIRO DE GUERRA Nº 176 - Campinas.

Pela greve operária, com o tiroteio da Porteira do Capivara, o Tiro fez policiamento da cidade a partir de 18/7/1917.



ALGUNS SOCIOS DO TIRO 176 DE CAMPINAS, GUARNecendo o QUARTEL DA POLICIA. T-17

PHOTO

No Prata, a minha recente namorada,

ANNITA, e sua prima MENININHA LOBO.



Novembro de 1917.

1918



O primeiro retrato que eu consegui de minha namorada Annita.

Genebra (Suíça): minha cunhada Bebê com a filha,
minha sobrinha Marília.



9 de julho de 1919.



10 de julho de 1919.

A 14 de agosto de 1918, participei de um concurso de tiro em nosso stand na estação de Cavalcanti (pasto da fazenda Mato Dentro de Baixo - depois Vila Brandina). Estava com maior número de pontos um atirador cujo nome não me lembro, alcançando a medalha de ouro; quando me submeti à prova, fiz um ponto a mais que este atirador e alcancei a medalha de ouro, mas outro atirador, Moraes, na sua prova, fez um ponto a mais e me arrebatou a medalha de ouro. Recebi o segundo prêmio, medalha de prata que, mais tarde me foi roubada.



- 1 - Otávio Prado Hoffmann
- 2 -
- 3 - Moraes, 1º prêmio
- 4 - Ademar Maia
- 5 - Joaquim Prado Pinto
- 6 - Celso, 2º prêmio
- 7 - Nascimento
- 8 -
- 9 - Bólliger
- 10 - Mascia
- 11 -
- 12 - Antônio de Oliveira Valente, presidente do Tiro.

EM CAMPINAS

ENTREGA DE CADERNETAS AOS
RESERVISTAS DO TIRO 176 —
JURAMENTO A BANDEIRA.

Da nossa succursal de Campinas recebemos as seguintes informações:

"CAMPINAS, 31—No prado do Jockey-Club Campineiro, no bairro do Bomfim, realizou-se hoje, ás 13 horas, a entrega das cadernetas aos reservistas da ultima turma do Tiro 176, e juramento á bandeira pelos mesmos reservistas. A solennidade revestiu-se de grande brilho e chamou ao prado grande concorrência de expectadores.

As archibancadas achavam-se grandemente enfeitadas com bandeiras, escudos e arbustos. Na parte central, destinada ás autoridades, a ornamentação era mais profusa e o todo offerecia um bello aspecto.

Pouco depois do meio-dia começaram a chegar ao prado as differentes unidades militares e ás 13 horas as forças estavam assim dispostas no extenso campo: Tiro 176, banda do Lyceu, batalhões do Lyceu, do Gynnasio Diocesano e do Instituto "Cesario Motta".

A porta que dá accesso ao campo formavam os escoteiros.

Na archibancada especial notamos os srs. dr. Abeilard de Almeida Pires, juiz de direito da 1.ª vara da comarca; dr. Heltor Penteado, prefeito municipal e deputado por este districto; capitão José Marcelino Ferreira, inspector regional dos Tiros e representante do sr. general Barbedo, comandante do districto militar; capitão Felix da Silva, do 17.º de Infantaria, de Cacapava; tenente A. Mendonça, do mesmo regimento; dr. Camillo Vanzoline, director do Instituto "Cesario Motta"; Antonio de Oliveira Valente, dr. Penido Bourrier, Adalberto Nascimento e Anthur Segurado, directores da Associação Regional de Escoteiros; padre Idilio Soares, director do Gynnasio Diocesano; representantes do batalhão do Gynnasio do Estado, dr. Jayme Campos, medico da Cruz Vermelha do Lyceu Salesiano; padres do Lyceu Salesiano, coronel Manuel de Moraes, dr. João de Paula Castro, Raphael Gonçalves de Salles, dr. Paulo Lobo, José Guathemozin Nogueira, capitão José dos Santos, comandante da Força Publica aqui destacada; dr. Gabriel Leite de Camargo, Pedro de Magalhães, João Brenn, vice-director da Escola Normal Primaria; Acacio Marcondes Machado, Augusto Cesar Cardoso, dr. Alvaro Miller, dr. Mario Cunha e Thurbito Leite Barros.

Receberam caderneta de reservistas os atiradores srs. Leonidas de Castro Serra, Adão de Souza Pinto, G. Cyrillo Hercoles Florence, Adão Focesi, Celso de Mello Pupo, Augusto Cintra, José Glycerio de Freitas, José de Moraes e Adelardo Aguiar Junior.

O ESTADO DE S. PAULO — SEGUNDA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO DE 1919

Passava das 13 horas quando, no campo onde ia realizar-se a cerimonia, entraram as autoridades militares, do municipio, pessoas gradas, representantes da imprensa e outros convidados.

O sr. capitão João Marcelino Ferraz da Silva, paranympho dos reservistas leu um patriotico discurso discorrendo sob a acção do militar na vida social do Brasil e dizendo todo o seu esforço, toda a sua dedicacão nas campanhas victoriosas da abolição e da Republica. Referiu-se depois aos tiros de guerra, fazendo uma bella referencia ao Tiro local, rematando o seu discurso com as palavras patrioticas e vibrantes do discurso de Olavo Bilac, na Faculdade de Direito. O orador foi muito felicitado.

Depois de prestado o compromisso pelos moços reservistas, foram cantados os hymnos Nacional e da Bandeira. A massa enorme que enchia literalmente as archibancadas e outras dependencias do campo, saudou os reservistas com prolongadas salvas de palmas.

O revmo. padre Luiz, do Lyceu Salesiano, pronunciou a seguir um ligeiro discurso, findo o qual os alumnos daquelle estabelecimento de ensino fizeram patriotica saudação á Bandeira Nacional.

Antes, o sr. capitão João Marcelino, annotou na caderneta dos reservistas sr. Haroldo Egydio de Souza Santos, achar-se apto para official e na do sr. Alfredo Gonzaga da Costa, para cabo. Esses dois atiradores fizeram exame para os postos a que são aspirantes.

O sr. dr. Abilio Alvaro Miller pronunciou um patriotico discurso saudando nos officiaes presentes o glorioso exercito brasileiro; o sr. Lacerda Werneck, em nome do "Commercio de Campinas", fez identica saudação.

Findas as ceremonias, as forças militarizadas desfilarão diante das archibancadas, produzindo esplendida impressão o garbo e disciplina com que marchavam. Os jovens soldados foram muito applaudidos pela assistência.

Do acto foi lavrada uma acta assignada por todos os presentes.

Calcula-se em mais de 2.000 o numero de pessoas que assistiram ao acto. Tão elevada concorrência expri-me um incentivo dado pela população ao nobre gesto da nossa mocidade collaborando para o resurgimento da Patria.

As archibancadas foram ornamentadas pelo ansepeada da Força Publica, sr. Mario Rosa.

A Força Publica aqui aquartellada não tomou parte no acto civico porque é muito reduzido o numero de praças que a constitue actualmente."

Em Santos:



Em casa de meu sogro, em 1920:



Minha namorada bonita e feliz, meu cunhadinho Pedro e
minha sogra Dona Leonor.

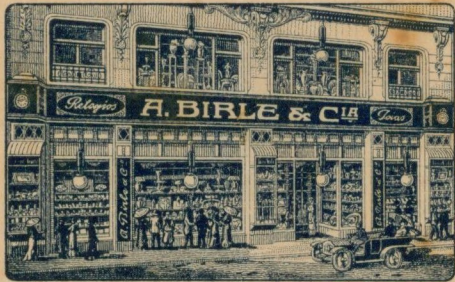
Epílogo:

Celso Maria de Mello Pupo
participa o seu contracto de casamento com
a Senhorita Anna Eliza Lobo filha do
Dr. Paulo Alvares Lobo e D. Leonor
Alvares Lobo.

Campinas, 1 de Janeiro de 1921.

Rua Sacramento, 67.

DEPOSITO DOS
AFAMADOS RELOGIOS
DE ALTA PRECISAO
"LONGINES"



O MELHOR E
MAIOR SORTIMENTO
EM JOIAS E OBJECTOS
PARA PRESENTES DE APURADO
GOSTO

BRONZES

PRATARIA

GRANDE LOJA DE JOIAS

IMPORTAÇÃO DIRECTA
CASA DE COMPRAS EM
PARIS: RUE MESLEY, 43

CASA DE CONFIANÇA
(FUNDADA EM 1889)

A. BIRLE & CIA.

SAO PAULO
RUA DIREITA - 28

TELEPHONE 2689

CAIXA POSTAL 159

CASA BIRLE

O Ilmo. Sr. *Nello Rupo* Doutor

S. Paulo, 9 de Junho 1921

1 Anel platina
1 Perle - Brill.

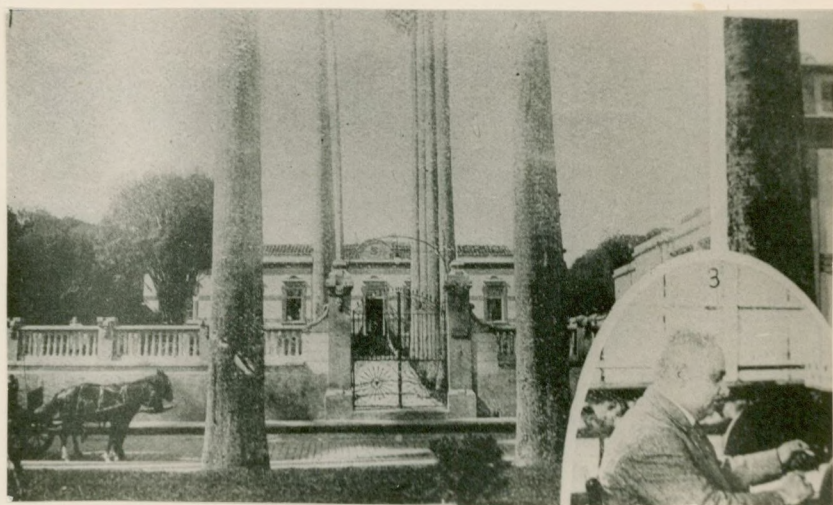
R\$ 800.000

Recebemos
São Paulo, 9 de Junho de 1921
A. Birle & Cia.



Depois de fazer cursos no Ginásio Campineiro (particular) e passar mais de ~~seis~~ ^{dois} meses tomando conta da Fazenda São Luís do Paraíso, em Bica de Pedro (hoje Itapuí), propriedade de meu pai, e como já estava noivo, cuidei de me encaminhar na vida: procurei um cartório para comprar (era como se usava então) mas fui aconselhado por Antão de Sousa Moraes, na ocasião promotor público de Campinas e, depois desembargador no Tribunal de Justiça do Estado, a encaminhar-me para a indústria que maior futuro oferecia.

Fiz-me sócio da Fábrica São José cujo proprietário era o Snr. João Ciuccio, assinando contrato social em 1921.



Meu sócio era um artista; fazia flores de seda, de alta moda, mas só vendia seus produtos para praças do norte do país, com prazo de pagamento ~~de~~ de cento e oitenta dias, pagamento que, em geral, não se fazia ~~no pagamento~~.

Mesmo com a minha inexperiência, logo percebi que aquela forma de comércio não nos levaria a bom termo, e propus a João Ciuccio que me fizesse um mostruário para que eu fosse vender nossas flores nas capitais, São Paulo e Rio. Atendido, corri algu-

mas firmas de São Paulo, obtendo, de todas, pedidos com prazo de entrega da mercadoria, de trinta a sessenta dias.

João Ciúccio não aceitou os pedidos; como artista só trabalhava sem prazo de entrega. Desanimei e propus minha retirada da firma, efetivada em julho de 1922, lá deixando o meu capital, e dele recebendo só sessenta por cento, em 1925, graças à minha previsão e ação pronta, pouco antes do fracasso da firma e fechamento da fábrica.

Minha noiva ANNITA, na Escola Normal

em outubro-novembro de 1921



Com a minha prima Elzita Gerin (depois Sousa Leão)



Entre as amigas Santinha Vieira
e Lourdes Dória (depois Passos).

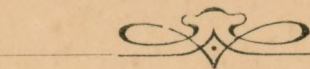
1921, ano de formatura de Annita

na Escola Normal de Campinas:



Gelso Maria de Mello Fupo convida
V. Excia. e Exma. Família para assis-
tirem seu casamento no dia 31 do corrente,
às quinze horas, na igreja do Rosario desta
cidade, e para a reunião íntima que, logo
após ao acto, se realizará, na residência do
Dr. Paulo Lobo.

Campinas, 17-I-1922.



© Empresa Inglesa ©

Nº 00242

Grande casa de Moveis de todos os estylos e gostos.
Tapeçaria, Colchões e Acolchoados.

Vendas a dinheiro e a praso

JACQUES GRINBERG & H. TAUB

Rua Barão de Jaguará. 78 -- Telephone. 80  CAMPINAS

O Illmo. Sr. *C. M. de Mello Pupo* De

Campinas, 19 de *Janeiro* de 1922

Typ. Campineira — Rua General Osorio, 160

1	Dormitorio completo	
1	Sala de Jantar	6.000 000
1	" " Visita	750 000
1	Tapete de Veludo	310 000
6	Cadeiras p. Sala Jantar	250 000
2	Banquinhos estufados	120 000
1	Cadeira	50 000
1	Mesa Oval / cristal	130 000
1	Porta-Bibelots	180 000
1	Capacho	10 000
1	Colchão em 3 partes	75 000
	1.90 m. Passadeira	22 800
	Damasco treçado 1/4 quarto	20 000
		<u>7.917 800</u>
	s/pagamento	4.500 000
	Saldo	<u>3.417 800</u>

QUITACÃO DOS MEUS MÓVEIS

N. [REDACTED]

Jacques Grinberg & H. Taub

Rs. *2400,00*

Grande casa de moveis de todos os estylos e
gostos, tapetes, acolchoados, passadeiras,
oleados, etc. — PREÇOS RAZOAVEIS.

Vende-se a dinheiro e a praso

Rua Barão de Jaguara, 78 - Telephone, 80 — CAMPINAS

Recebemos do Snr. *C. M. de Mello Pupo*

a quantia de Rs.

Tres contos e quatrocentos
mil reis

Proveniente de

Por saldo dos Moveis

Para clareza firmamos o presente recibo.

Campinas, *28* de

janeiro de 1922

Jacques Grinberg



Typ. Campineira - Rua General Osorio, 100

28 de janeiro de 1922

DOM OTÁVIO CHAGAS DE MIRANDA



*As Caras Calas e a D. Brnita,
com muito carinho e votos de
felicidade, aff.
+ Otávio, Bispo de Porto Alegre
31.1.1922*

O Bispo que nos deu as benções nupciais a 31/1/1922.

VIAGEM DE NÚPCIAS

Casamo-nos numa quinta-feira, dia 31 de janeiro de 1922, na Igreja do Rosário de Campinas (demolida), antes que ela recebesse a riquíssima decoração da escola de Bueron, pintura feita sob a direção do pintor Tomás Scheultz, da qual existem vários painéis no Museu Arquidiocesano, e da qual possui a figura do profeta Ozeas, que me foi oferecida pelo Dr. José de Ângelis, o salvador destes painéis.

O nosso casamento se realizou em presença de Sua Excia. o Snr. Bispo Dom Otávio Chagas de Miranda, que o abençoou, seguindo-se, depois uma recepção em casa da noiva. O noivo, padrinhos e muitos convidados, à moda da época, trajavam fraque, calça listada e cartola. A minha madrinha foi a minha tia-avó Dona Horaida Carlota de Moraes, para quem eu, desde criança, dizia: "a Senhora vai ser minha madrinha de casamento"; ao que ela respondia: "quando você se casar, eu já terei morrido". Pois foi a minha madrinha, com 94 ~~an~~ anos, lúcida e saudável participou da recepção, para morrer 47 dias depois, a 19 de março.

Depois da recepção, fomos pernoitar em nossa casinha, toda de mobiliário e decorações novas, que aluguei, à rua Boaventura do Amaral, Largo de São Benedito. Dia 1º de fevereiro, almoçamos em casa do sogro e seguimos para São Paulo hospedando-nos no Hotel do Oeste, no Largo de São Bento.

Dia 2 seguimos para Santos, acomodando-nos no Pálace Hotel, na praia do José Menino. Só hóspedes velhos, ambiente sonolento; nele ficamos os dias 3 e 4, deixando-o no dia 5.





PALACE HOTEL

Estabelecimento Balneario

PRAIA JOSÉ MENINO

O Ilmo. Sr. *L. M. de F. R.*

Deve

Quarto N.º *20*

Nº 04087

Santos, *2* de *2* de 192*2*

Peixinho - Santos

	<i>Entrada</i>	<i>20.</i>
<i>1</i>	<i>Banho</i>	<i>15.</i>
<i>1</i>	<i>Diária</i>	<i>20.</i>
	<i>Despesas</i>	<i>5.</i>
<i>1</i>	<i>Alm.</i>	<i>30.</i>
	<i>Total</i>	<i>86.500</i>

Dia 5, terça-feira, instalamo-nos no Parque Balneário Hotel, melhor, mais bonito, mais luxuoso e em lugar de maior movimento, na praia do Gonzaga. Permanecemos os dias 6, 7 e 8, indo na manhã deste último, fazer um passeio pelo porto. A vista dos vapores ali atracados, nos deu vontade de viajar por mar.

PARQUE BALNEARIO-HOTEL

SANTOS
FRACCAROLI & C.^a

Nº 17939

Exmo. Sr. C. M. de Mello Pupo

Santos, 4 de 2 de 1922

Quarto N. 52

12	diaria	20 000
5	diaria	40 000
6	"	40 000
	Telephone	6 100
7	diaria	40 000
8	"	40 000
	Garitar	6 000
Santos 4 de 2 de 1922		192 100



Recd.
Omnio (shu)

Pensar e fazer, foi um instante; mas, para comprar passagem, era necessário o atestado de vacina. Fomos ao Centro de saúde onde nos atendeu o médico poeta Martins Fontes. Ao saber que minha mulher era Lobo, dos quais era ele muito amigo, deu largo ao seu prazer de loquacidade, com a verve, a elegância com que costumava falar. Vacinou-me. Em seguida vacinou minha mulher, discorrendo sobre meu nome Pupo, e recitou um soneto que Emílio de Meneses escrevera sobre um caso de aluguel do mercado do Rio de Janeiro, com interesse de Pepa Ruiz e meu parente Pupo de Moraes, dizendo do soneto o poeta-médico, que era este soneto todo composto com a letra P, "um prodígio de pilhéria". Ei-lo:

Prosopopéia da Pepa ao Pupo

Parece peta! A Pepa aporta à praça
E pede ao Pupo que lhe passe o apito.
Pula do palco, palida, perpassa
Por entre um porco, um pato e um periquito.

Após papando, em pé, pudim com passa,
Depois de peixes, pombos e palmito,
Precípite por entre a população,
Passa, picando a ponta de um palito.

Pecas compostas por um poeta pulha,
Que a papalvos perplexos empunha,
Prestado apenas p'ra apanhar os paços,

Permuta a Pepa por pasteis, pamonha...
- Que a Pepa apupe o Pupo e a popa ponha
Papas, pipas, pepinos, papagaios!

A demora de Martins Fontes na vacinação de minha mulher, apurou-a demais, e a vacina pegou!

Sábado, dia 9, embarcamos no "Ceará", navio ex-alemão que o Governo Brasileiro recebeu como indenização de guerra. Ao deixar o taxi, chamei o carregador nº 5 que levou nossas malas para bordo, e me cobrou cinco mil reis pelo trabalho; como eu não tinha dinheiro trocado, ele se comprometeu a ir buscar troco para a nota de vinte mil reis que eu lhe dera. Foi e não voltou.

O vapor era muito bom e o nosso camarote um dos melhores. Mas Anita passou muito mal e não pôde encantar-se com a belíssima entrada da baía do Rio de Janeiro. Eu, apesar do enjôo, me extasiei como já fizera em primeira viagem por mar. ~~xxxxxxx~~ Hospedamo-nos no Hotel Avenida, visitamos parentes de Anita, a prima Benvida, em sua residência da rua de São Clemente, aí conhecendo a mãe desta, Tia Benvindinha, e o sogro da prima, Marechal Medeiros. Visitamos Valentina, filha do Dr. Guilherme da Silva, casada com aquele que foi, depois, o General Euclides de Figueredo.

Pessoas



TELEPHONE N. 2873

ENDEREÇO TELEG.:

— AVENIDA —

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM
e-ACCOMODAÇÕES PARA 500 PESSOAS
SITUAÇÃO CENTRAL-AVENIDA RIO BRANCO

Avenida
Rio Branco, 152-162

Rio de Janeiro 12 de Fev. de 1922

O. Illm. Sr. Celso de Mello Rufo etc

10.11	Ex 5	100000 6000 106.00
-------	------	--------------------------

Sábado, dia 16, voltamos para Campinas e, pela tarde, recebemos em nossa casa as visitas de Tia Horaida, Ruth minha irmã, minha sogra e filhas. Anita não conteve o sono, deitou-se e dormiu deixando as visitas. Minha sogra diagnosticou: "Está grávida"! E estava. Minha filha nasceu 9 meses e 15 dias depois de nosso casamento.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1922:



Eu e Annita.

Anna Eliza Tobo de Mello Pupo

e

Celso Maria de Mello Pupo

participam seu casamento

31-1-1922

Rua Boaventura do Amaral, 83
Campinas

~~Rio de Janeiro, Fevereiro de 1922.~~



1922 - Rua Talentino Felgicinas, ^{Santo,} casa de
meu pai, de segundo por minha madriasta, minhas irmãs
Jacy e Gilda, Annita e eu ~~Santo~~



Abril de 1922, dando as costas para a praia das Tartarugas
Guarujá, ^{onde se viam muitas tartarugas}
^{no mar e nas areias da praia}
Luís, enteada de meu pai, minhas irmãs Jacy e Gilda, eu e
Annita.

Na minha primeira casa depois de casado, a 17 de maio de 1922:



Dentro de nosso portão,
Nazareth,
Celso,
Leonorzinha
e Annita.



No jardim fronteiro,
a jovem esposa.

1922, reunião de primas:



Em pé: Altina Lapa, depois de Castro Serra; Carolina Penteadado, depois Ferreira de Camargo; Nazareth Lobo, depois Cruz Martins; e Nicolina Álvaro Bueno.

Sentadas: Hermozira Duarte de Sousa Camargo; Annita Lobo de Mello Pupo, e Zilda Álvaro de Sousa Camargo.

25 de dezembro de 1922 -

batizado de minha primeira filha Francisquinha.



Os pais e Francisquinha.

25 de dezembro de 1922:



Em casa de meu sogro, após o batizado de Francisquinha na Matriz do Carmo; foram padrinhos os avós maternos.

1º aniversário de nosso casamento: 31 de janeiro de 1923.
A família de meu sogro com o primeiro genro e a primeira neta -
Na primeira fila, Paulinho, Dr. Paulo, Leonorzinha e eu;
na segunda, Regina, Dona Leonor, Pedrinho, Dona Sinhaninha,
Annita com Francisquinha ao colo, Nazareth e Helena.



Campinas, 8 de dezembro de 1922,
em casa de meu sogro.



Francisquinha com 22 dias de idade.



Nesoé com Francisquinha ao colo, eu, minha irmã Jacy,
Annita que ia tomar o seu primeiro banho de mar naquela
tarde, e meu cunhado Paulinho.

Santos, março de 1923.

Tendo-me desligado da fábrica de flores, em agosto de 1922, tentei fixar-me em Santos, no comércio de café. Hospedei-me em casa de meu pai à rua Tolentino Filgueiras, mas depois aluguei uma casa próxima, à rua Bahia, onde moramos, eu, Annita e Francisquinha que contava cinco meses de idade. Foi nossa hóspede, Nesoé, prima de Annita.

abril de 1923



Annita na praia do
Gonzaga

Nesta casa, todas as noites, às duas da manhã, Francisquinha acordava chorando e eu, para poupar minha mulher, levava-a para minha mãe, que dava-lhe uma mamadeira. Francisquinha dava-a para minha filha que dormia de novo se eu dançasse com ela, como a habitou minha cunhada Nazareth que estava no período dos bailes.

Deixando a fábrica que foi o início de minha carreira de trabalho, pensei em me dedicar à classificação de café em Santos, que muito me atraía, e onde meu pai foi, em seu tempo, um dos melhores classificadores, o que também eram, e bons, o meu avô materno e meus tios maternos Guilherme e Pedro.

Em Santos expus o meu intento a meu tio Guilherme, já que não podia praticar com meu pai que geria grande firma comissária, cujos sócios eram estranhos e padrinhos de moços que desejavam aprender com meu pai.

Pedi a tio Guilherme que me ensinasse classificar. Ele concordou e eu passei a permanecer em seu escritório, na sala de classificação. Logo percebi que ele concordara por delicadeza, mas nunca me instruiu com palavras ficando eu um simples espectador. Desanimei e aceitei emprego na firma Alves de Lima, Lemos e Comp., até ir trabalhar em São Paulo no escritório de engenharia do meu irmão Cyro, em cuja casa residi até montar a minha na rua Monte Alegre, 34.

A CASA DE MEU PAI.

A casa de meu pai foi construída pelo meu irmão Eng^o Cyro de Mello Pupo, na rua Gabriel dos Santos, em São Paulo. A construção terminou em 1924, e nela morou o meu pai, com minha madrasta, filhos do segundo casamento e enteados do meu pai, até seu falecimento a 13 de setembro de 1938.



A PRIMEIRA CASA EM SÃO PAULO

Em 1924 resolvi instalar-me em São Paulo, lotando um vagão da Estrada de Ferro Paulista, para levar minha mobília de Campinas. Depois do despacho, eclodiu a revolução de 5 de julho, e eu considerei perdidos os meus móveis. Mas, terminada a revolução, encontrei o vagão fechado, na estação da Barra Funda, e meus pertences intactos. Montei minha primeira casa em São Paulo, à rua Monte Alegre nº ~~42~~₃₄, Perdizes.



Dezembro de 1924:



Annita e Eu (vestindo o paletó de pijama de seda do meu casamento) em casa de meu sogro.

1925:



Eu, Annita e as duas primeiras filhas,
em Campinas, em casa de meu sogro.

1925 - 1ª casa em São Paulo - rua Monte Alegre, 34



Mariazinha.



São Paulo, em minha primeira casa:



O primo Benedito com minha filha Mariazinha.



Meu cunhado Paulinho.

A FIRMA COMERCIAL

Em 1924, no mês de agosto, por contrato assinado no dia 13, institui em São Paulo, uma firma para comércio de ferragens e aparelhos sanitários, sob a razão de "Santos & Pupo". No ano seguinte, uma exposição comercial e industrial se realizou no Palácio das Indústrias, depois Assembléia Legislativa no Parque Dom Pedro II. A firma alugou um espaço e construiu seu mostruário que se compunha de mostra de ferragens e de uma casinha, colonial externamente, e, internamente um completo quarto de banhos e sanitário. Foi um sucesso de resultado comercial, mas não faltou a nota cômica: uma senhora de condição humilde, pensou que ali estava um verdadeiro WC, e dele se utilizou para um alívio de abundante micção e mais coisas!.....Que trabalho deu para limpar!



Foto de profissional.

Minha sobrinha Maríria

Fevereiro de 1924.



Minha sobrinha Maríria

Fevereiro de 1924.

A SEGUNDA CASA EM SÃO PAULO

Em 1925, adquiri um carro "Buick Standart", e como não tinha garagem, mudei-me para o sobrado em frente, do qual são as fotografias abaixo. Neste sobrado nasceram meus filhos Celso, em 21 de julho de 1925, e Maria Teresa em 15 de outubro de 1926, dia de Santa Teresa de Jesus.

O meu carro tinha a chapa 5997.



Novembro de 1925:



O meu filhinho Celsinho, nos braços de
nossa dedicada empregada Leopoldina.

1925:



Leonorzinha com o meu filho Celsinho.



Celso Maria de Mello Pupo Filho

nasceu em São Paulo a 21 de julho de 1925,
faleceu em Campinas a 14 de fevereiro de 1926.

Dr. Paulo Álvares Lobo, seu avô materno,

pelos pais disse estas rimas:

"Viveu uma hora apenas,
uma só, breve alvorada;
ficaram-nos longas penas
de saudade amargurada.
Mimo lirial do teu jardim celeste,
porque, Deus de Bondade, nol-o deste?

1925



Eu e meu pai na praça do Patriarca, em São Paulo, no
passeio oposto à Igreja de Santo Antônio.

São Paulo, 1925:



Eu e Annita na rua Barão de Itapetininga.

Campinas, 1926:



Mariazinha, Francisquinha, Maria Herminia e Maria José.



Francisquinha.



Temporada na Fazenda Lapa, hoje Sociedade Hípica

- 1 - Leonor Xavier Álvares Lobo (hoje Lobo Seliger)
- 2 - Anna Elisa Lobo de Mello Pupo
- 3 - Ana da Silva Lapa
- 4 - Renata Álvaro de Sousa Camargo (hoje Rocha Brito)
- 5 - Olímpia Lapa de Sousa Camargo (proprietária da Fazenda)
- 6 - Leonor Lapa Álvares Lobo
- 7 - Leilá Álvaro de Sousa Santos (hoje Castro Santos)
- 8 - Delza Álvaro de Sousa Santos (hoje Mendes de Paula)
- 9 - Maria Leonor de Mello Pupo
- 10 - Stela Álvaro de Sousa Santos (hoje Miler Paiva)
- 11 - Maria Teresa de Mello Pupo (hoje Simioni)
- 12 - Maria José Álvares Lobo (hoje Cruz Martins)
- 13 - Lígia Álvaro de Sousa Santos
- 14 - Maria Francisca de Mello Pupo.



Na mesma temporada: Regina, Nazareth, Maria José,
Francisquinha, Mariazinha e Pedrinho.



Temporada na Fazenda Lapa, hoje Sociedade Hípica

- 1 - Leonor Xavier Álvares Lobo (hoje Lobo Seliger)
- 2 - Anna Elisa Lobo de Mello Pupo
- 3 - Ana da Silva Lapa
- 4 - Renata Álvaro de Sousa Camargo (hoje Rocha Brito)
- 5 - Olímpia Lapa de Sousa Camargo (proprietária da Fazenda)
- 6 - Leonor Lapa Álvares Lobo
- 7 - Leilá Álvaro de Sousa Santos (hoje Castro Santos)
- 8 - Delza Álvaro de Sousa Santos (hoje Mendes de Paula)
- 9 - Maria Leonor de Mello Pupo
- 10 - Stela Álvaro de Sousa Santos (hoje Miler Paiva)
- 11 - Maria Teresa de Mello Pupo (hoje Simioni)
- 12 - Maria José Álvares Lobo (hoje Cruz Martins)
- 13 - Lígia Álvaro de Sousa Santos
- 14 - Maria Francisca de Mello Pupo.



Na mesma temporada: Regina, Nazareth, Maria José,
Francisquinha, Mariazinha e Pedrinho.

Na mesma temporada de março de 1927 - Fazenda Lapa.



Regina, Dirce Lapa Penteado, Helena Raquel,
Ester Lapa Penteado, Leonorzinha e Francisquinha.



Regina, Dirce, Maria José, Helena, Ester e
Leonorzinha e Francisquinha.



Benedito Maurílio Lobo Rosa e Celso alegre.

Francisquinha:



Em Campinas - 1926



Em nossa terceira casa de São Paulo - 1927.

1924



Francisquinha

1927



Francisquinha



Francisquinha, Mariazinha e
Maria Tereza



Francisquinha, Pedrinho e Mariazinha

Meu único retrato com a indumentária

usada no meu casamento:

fraque, cartola e calsa de listas, quando fui padrinho em outro casamento, e me escondia do fotógrafo dos noivos:



Dr. Paulo Álvares Lobo, meu sogro.

Em Campinas, aos 17 de maio de 1927, em casa de meu sogro
no dia de suas bodas de prata:



Em pé: Edmê Pares, amiga; minha cunhada Helena; Inês Lobo,
prima; Conceição Lobo Rosa, prima; Maria Elisa Lobo, p
prima; a irmã de meu sogro, Nhanhã - Maria do Carmo Lo-
bo Rosa.

Sentados: Iracema Lapa Camargo, prima; minha cunhada Leonor-
zinha; Aparecida Lobo Rosa, prima, com minha filha Maria
Teresa ao colo; o primo de meu pai e grande amigo do meu
sogro José Guatemozim Nogueira; Tita Gati, amiga; minha
cunhada Nazareth.

No chão: minha cunhada Maria José e minhas filhas Mariazinha
e Francisquinha.

1927



■ bisavó e a bisneta:

D. Anna da Silva Lapa e

Maria Teresa de Mello Pupo Simioni.

A TERCEIRA CASA EM SÃO PAULO

Os maus tempos de 1927, me obrigaram a mudar para casa mais barata, no alto das Perdizes, na mesma rua Monte Alegre, em frente ao novo Convento das Carmelitas, hoje acomodação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vista na seguinte foto, com o meu carro "Hudson", nº 6336, à porta.



Maria Teresa, pequenina, todas as manhãs passava no jardim do Convento das Carmelitas; as freiras sabendo desse passeio habitual, pediram para que a menininha fosse posta na roda e entrasse no Convento para que elas a vissem. Concordamos e Maria Teresa passou a visitar diariamente as religiosas, sosinha, pois a pagem ficava do lado de fora. Não demorou para que as religiosas nos mandassem pedir licença para rezarem sem para que Maria Teresa, quando adulta, ficasse freira; concordamos, mas as rezas foram fracas, ou as disposições, adversas.



O Convento, hoje Universidade Católica.

1927:



Minha filha Maria Teresa.

Em nossa terceira casa de São Paulo, pelo correr de 1927-



Primeiros passos de Maria Teresa, sob os cuidados da pajem Antônio, que ela chamava Toseco.



Mariazinha, Maria Teresa e Francisquinha, e Antônio.



A Hudson com as crianças.

1927, em nossa terceira casa em São Paulo:



Maria Teresa.

1º de dezembro de 1927:



Minha cunhada Maria José e
minhas filhas Francisquinha e Mariazinha.
(foto de Pelágio)

Campinas, 1928:— 29



Anita e nossas filhas.



As três filhinhas.

Em Campinas - 1928-29:



Maria José, Mariazinha e Francisquinha, em frente à casa de meu sogro, da rua Dr. Quirino, na minha "Hudson" chapa de São Paulo 6336.

Aniversário de meu pai, 28 de julho de 1929:



Ao fundo: Lulú, enteado de meu pai; minha irmã Jacy; Luísa, enteada de meu pai; meu cunhado Chico Neto; minha irmã Ruth com o filho Roberto; meu primo Idomeneu; meus irmãos Preseu e Alceu; Julieta casada com Idomeneu; Eu e Annita; minha irmã Gilda. Sentados o meu tio avô Dr. Pedro de Mello e Sousa Júnior entre a minha madrastra e meu pai. Crianças sentadinhas, Marília, Mariazinha, Maria Lúcia, Maria Teresa, Ruy meu afilhado e sobrinho, e Francisquinha, todos em casa de meu pai à rua Gabriel dos Santos em São Paulo.

Aniversário de meu pai, 28 de julho de 1929:



Meu pai cercado pelos seus netos, em companhia de minha madras-
ta: na fila grande, Alfredo, José, Luciano, Roberto no colo, Ma-
rília, e Francisquinha; os três da frente são Antônio, Maria Lú-
cia e Ruy.

Quarta casa em São Paulo, 1929:

Visita do meu primo Dr. Lopo de Mello, sua mulher Margarida e suas filhas Helen e Nanci Ana, vindos dos Estados Unidos onde residiam, em visita aos parentes do Brasil.



Helen, Nanci, Mariazinha, Lopo gracejando e Anita.



Celso e Mariazinha, Nanci carregando Maria Teresa, Annita, Helen, Lopo, Margarida e Bebê; à frente, Francisquinha.



Maria T~~er~~sa no colo de Nanci, Celso, Annita, Helen, Margarida e Bebê; à frente Maria zinha e Francisquinha.

Nossa quarta casa em São Paulo, à rua Itapicurú.

Em 1929, no primeiro Hipódromo Campineiro,
restaurado pelo meu sogro:



Francisquinha,
Maria Teresa,
Mariazinha e
Maria José.

2 de novembro de 1929:



Mariazinha, Maria Teresa e Maria José;
de cabeça baixa, Pedrinho.

Campinas, 1929 - no jardim da casa de meu sogro:



Mariazinha,
Maria Teresa e
Francisquinha.

Em junho de 1930 fomos passar férias em casa de meu tio Guilherme, em Santos. Lá estavam o meu tio, sua segunda mulher Antônio, e sua nora já viúva Eutália com os três filhos.



Na praia: Annita, Eutália e o grupinho das crianças, Guilhermino, Diva, Maria Teresa, Mariazinha, Heitorzinho e Francisquinha.

Da casa de tio Guilherme, fomos, com meu pai Luciano Pupo Nogueira, visitar a sua propriedade na Praia Grande, o sítio Pedro Taques anexado ao sítio Carimã (veja viagem de 20 de abril de 1920), na qual fotografei o grupo: no primeiro plano, o meu pai; mais ao fundo, em pé, Guilhermino e Maria Teresa; sentados Heitorzinho, Diva, Francisquinha e Mariazinha:



Junho de 1930, o mesmo passeio em Pedro Taques:



Na praia do Gonzaga, meus tios
Guilherme e Antônia, Annita e
a criançada.



Minhas filhas no carnaval de 1930



No quintal de nossa casa da rua Itapicuru,
em São Paulo.

• Campinas, 1930:



Minhas três filhas e
minha cunhadinha Zuza.

Campinas, 1930:



Quatro gerações: a bisneta Francisquinha; a neta e mãe Annita; a filha, mãe e avó, Dona Leonor; a bisavó Dona Sinhaninha (Ana da Silva Lapa).



Em pé: Guilherme Paiva Castro, primo; meu cunhado Pedrinho; Ana Cândida Pompeu de Camargo, prima; Augusto Paiva Castro, primo; Luciano, meu sobrinho.

Sentados: minha cunhada Zuza; Luís Antônio Pompeu de Camargo, primo; minhas três filhas; Guilherme Herculano Pompeu de Camargo, primo; Maria Hermínia Paiva Castro, prima.

Minhas filhas no carnaval de 1931:



Mariazinha, a cigana;

Maria Teresa, o garoto;

Francisquinha, a holandesa.

Minhas filhas no carnaval de 1931



No jardim da casa de meu pai á rua Gabriel dos Santos, São Paulo.

Poços de Caldas, abril-maio de 1931:



Ruth Lobo; Maura, esposa de Azael; Dr. Paulo Álvares Lobo;
Menininha Lobo, pianista; e Leonorzinha filha do Dr. Paoulo.



Minha cunhada Leonorzinha.

1932.

Em janeiro de 1932, eu que morava em São Paulo, fui a Campinas visitar o meu sogro que estava muito doente. Em uma conversa reservada, ele então diretor da Recebedoria das Rendas Estaduais na cidade, disse-me que temia morrer tendo apenas a casa de sua morada para deixar à esposa e os filhos, sendo estes, então, oito, duas mais velhas já casadas, o seguinte, Paulinho, trabalhando mas sem uma posição sólida, e a sua sogra Dona Ana da Silva Lapa que sempre morou com eles. Os demais (cinco) menores, sendo a última de oito anos.

Ele não tinha esperanças de sobreviver. O seu cargo era muito rendoso e o meu apenas dava para manter minha pequena família. Ele me propunha que eu o substituisse durante sua licença e, depois de sua morte, conseguisse a efetivação no cargo, dividindo com minha sogra os proventos até o crescimento e encaminhamento dos menores. Concordei e me dispus a deixar minhas funções de sub-secretário executivo que ocupava da Federação das Indústrias em São Paulo.

Um mês depois da primeira conversa com meu sogro, voltei a Campinas e o interpelei sobre o projeto que tinha; e ele me disse: "para ser você substituto no meu cargo, durante uma licença que pedirei, você terá que deixar o seu emprego. Mas a pasta da Fazenda, à qual se subordina minha diretoria, está ocupada por um elemento do Partido Democrático, enquanto eu sempre pertenci ao Partido Republicano, o que não impede que sejamos amigos. Eu falecendo, porém, será necessária a sua efetivação no cargo, e como podemos ter certeza de que você vai conseguir essa efetivação? E se não consegui-la, você estará em dificuldades, pois já teria deixado o emprego na Federação das Indústrias."

Então perguntei: "que decide o Senhor diante desta dificuldade?" "Nada", respondeu; "tudo ficará na mão do Coração de Jesus".

A 26 de junho de 1932 faleceu o meu sogro. O seu irmão, Antônio Álvares Lobo, consultou-me sobre a minha aquiescência em pleitear para mim o cargo vago pela morte do irmão, como ele mesmo desejara; e acrescentava que, embora tendo deixado a política, ainda tinha amigos, e que eu, que ha meses vinha trabalhando pela revolução que eclodiria no dia 9 de julho, dispunha de elementos que me apoiariam.

Concordei com tio Antônio Lobo e voltei a São Paulo obtendo da Federação a licença para pleitear o novo cargo sem deixar o que estava ocupando. Consultei o Prudente de Moraes Neto, meu companheiro nos trabalhos de acumular numerário para a revolução. Este trabalho consistia em obter doações em dinheiro que era entregue a Prudente de Moraes, tesoureiro da Frente Única Política, resultante de acordo dos dois Partidos; tudo era feito em confiança, sem assinatura de documentos. Durante a revolução fiquei mobilizado no "Cadastro Industrial", órgão criado pelo decreto estadual 5.595 de

18 de julho de 1932, para controle de todo material útil para a guerra, em poder de particulares do Estado todo.

Apresentado por tio Antônio, procurei o chefe político do Partido Republicano, Ataliba Leonel, a quem expliquei que nada pedia para mim, funcionário da Federação, mas para a família do antigo funcionário, e de acordo com a praxe da política paulista de nomear pessoa da família do funcionário morto, para que ela não sofresse falta de meios para viver. Naquele tempo não havia pensão de órgãos de previdência. O Dr. Ataliba Leonel me assegurou que eu seria candidato ao cargo, apoiado pelo Partido Republicano, e que procurasse o apoio do Partido Democrático.

Mas os diretórios políticos de Campinas eram contra a minha nomeação: Os Republicanos porque meu pai era democrático, e os Democráticos porque meu sogro era republicano. Ambos indicaram ao governo do Estado, outros candidatos.

Com o Prudente de Moraes, fui procurar o seu primo Dr. Paulo de Moraes Barros (democrático), Secretário do Governo na pasta da Fazenda. Ao ouvir do primo que eu era candidato ao cargo, disse-me ele com azedume: "não sabe o Senhor que para esse cargo já existem doze candidatos, e que um deles é da família do antigo diretor?" E o Prudente disse logo: "mas o Celso é o candidato da família do antigo diretor"!

A fisionomia do Secretário da Fazenda se transfigurou, e ele me disse risonho: "o senhor é o candidato da família? pois o senhor é o meu candidato. Quando li no jornal a morte do Paulo Lobo, eu disse a Sinhá (sua esposa), "eu gostaria de nomear para a vaga uma pessoa da família do Paulo, ele não tinha fortuna e deixa família grande. E minha mulher respondeu-me: a filha mais velha do Paulo Lobo é casada com um filho do Lucianinho, ele deve ser bom moço. Então eu já tirei informações a seu respeito, o senhor está em condições de ocupar o cargo, e é o meu candidato".

Louvado seja Deus, pensei eu; bem entregue deixou meu sogro, o caso "nas mãos do Coração de Jesus"!

Dona Sinhá, segunda esposa de Paulo de Moraes Barros, era Quirino dos Santos; sua tia Suzana, fora casada com Francisco de Assis Pupo Nogueira, primo irmão de meu avô paterno. Ela conhecia meu pai desde criança e sabia que era um homem íntegro, pelo que admitia que íntegro fosse o filho.

Porém o Secretário da Fazenda me informou que no caso havia um fato singular: o Governador Pedro de Toledo, que nunca tivera um candidato para cargo algum, avisara-o de que, agora, tinha candidato. Procurei, então o Dr. Luís Barbosa da Gama Cerqueira, com quem eu tinha muito boas relações, pela circunstâncias de ser tio afim de minha querida cunhada Bebê, primeira esposa de meu irmão Cyro.

Dr. Gama me despachou, com apresentação, para o Governador.

dor. Admitido à sua presença, relatei a natureza da minha pretensão e ouvi dele: "traga-me indicação da Frente Única que o senhor será nomeado"! É que a irmã do Governador, Dona Nicota, casada com o Dr. João Passos (este tio da mesma minha cunhada), nossa amiga e nos querendo bem, a mim e a Annita, sabedora da necessidade da família de meu sogro, que ela também conhecera, bondosa e espontaneamente havia pedido ao irmão que amparasse a minha pretensão.

Assim, o mais fraco dos candidatos perante o mundo, teve apoios espontâneos, ou antes, teve grande apoio determinado pelo Sagrado Coração de Jesus, ao qual meu sogro entregou a subsistência da família que ele deixava na terra. Cumpri o meu dever, e minha sogra sempre se preocupou em libertar-me desse encargo, o que pôde fazer com o crescimento dos filhos que passaram a trabalhar, e de filhas que se casaram; e mudando-se para casa menor auferindo aluguel da casa que deixara o meu sogro, de cuja renda todos os filhos abriram mão em favor dela e dos ^{que} ainda não trabalhavam.

dezembro de 1932, no Jardim da Luz - São Paulo



Annita entre as nossas filhas,

Francisquinha e Mariazinha.